



O CAMINHO DEPOIS DO DEPOIS: DESORIENTAÇÕES DA CISGENERIDADE EM DUAS AUTOBIOGRAFIAS ESTADUNIDENSES¹

THE WAY AFTER THE WAY: DISORIENTATIONS OF CISGENDER IN TWO AMERICAN AUTOBIOGRAPHIES

Lux Ferreira Lima²

RESUMO

Este artigo se debruça sobre o estranhamento de expectativas cisnormativas de transição de gênero e temporalidade de existência trans empreendido por duas pessoas consideradas bem sucedidas e abraçadas pela mídia hegemônica no processo de escrita da própria vida: Janet Mock em “Surpassing certainty” (2017) e Thomas Page McBee em “Amateur” (2018). Através da etnografia de tais obras, analiso os movimentos realizados na escrita de alterar e questionar o sentido de conquista e estabilidade conferido ao fim de sua transição. Investigo os modos distintos como o lugar de chegada atribuído pelo regime discursivo cisnormativo contemporâneo – por exemplo, a assimilação a um pressuposto de permanência identitária e apagamento da trajetória, e a adesão a modelos unívocos de hombridade e mulheridade “de verdade” – é transformado em um dispositivo de desorientação acionado de modo a desafiar a cisnorma e seus padrões estabelecidos de trajetória de vida. Nessa costura, categorias específicas são examinadas por autôries, e tal exame conduz seus argumentos: passabilidade; transição; homem/mulher “de verdade” (e os papéis sociais que cada um deles abrange).

Palavras-chave: Autobiografia; Transgeneridade; Cisgeneridade; Transição; Estudos Trans

ABSTRACT

This paper focuses on the estrangement of cisnormative expectations of gender transition, and the temporality of trans existence undertaken by two people considered to be successful and welcome by hegemonic media in the process of narrating their own life: Janet Mock in “Surpassing certainty” (2017), and Thomas Page McBee in “Amateur” (2018). Through the ethnography of these works, I analyze the movements, conducted in writing, of othering and questioning the sense of achievement and stability given to the end of transition. I investigate the distinct ways in which the place of arrival attributed by

¹Uma versão deste texto foi elaborada em minha tese de doutorado Trânsitos em texto: uma análise comparada de biografias e autobiografias de pessoas trans no Brasil e nos Estados Unidos.

²Doutorado em Antropologia pela USP. E-mail: lux.f.lima@gmail.com



the contemporary cisnormative discursive regime – for example, the assimilation to an assumption of identity permanence and trajectory erasure, and the adherence to univocal models of “real” manhood and womanhood – is transformed into a disorientation device, activated in order to challenge the cisnorm and its established patterns of lifepath. In this weaving, specific categories are examined by the authors, and such exams conduct their arguments: passing; transition; “real” man/woman (and the social roles each one of them encompasses).

Keywords: Autobiography; Transgender; Cisgender; Transition; Trans Studies

Ponto de partida: o movimento de desvio

No ensaio “Time is the thing a body moves through” (2019)³, T. Fleischmann articula arte, comunidade e ativismo, desejo e amor enquanto reflete sobre si. Nunca há fixidez e univocidade, seja na elaboração acerca do próprio passado e do campo de possibilidades apresentado a si ao redesenhar sua existência generificada, seja na reflexão recorrente em torno tanto da insuficiência quanto da potência da arte em fazer real.

Fleischmann descreve e comenta com fascínio a obra de Félix Gonzalez-Torres⁴, e a partir dela medita sobre representação convencional e a própria escrita. Elu se vale da própria forma expressiva e da de Gonzalez-Torres como espaço de realização de formas de entender e ser que enquadramentos hegemônicos não permitem que se estabeleça – torna-o habitável. Respectivamente se refere da seguinte forma: a seu processo criativo e de atribuição de sentido a si; a instalações de González-Torres; e à limitação representacional que tornou certas subjetividades inimagináveis ao longo da vida.

[...] quero deixar meu gênero e vida sexual não inscritos – me levou anos para considerar o fato de que não tinha que nomear meu gênero e sexualidade, de modo que agora tenho sempre que dizer às pessoas que não sou algo. Insisto nessa ausência mais do que costumava insistir em minhas identidades [...]. O não inscrito, como Gonzalez-Torres diz, é lugar de mudança, onde posso entender meu contexto atual e fazer algo a respeito, em vez de me emaranhar em um jogo de palavras, e é a isso que gostaria de dar enfoque. Estou evidentemente inscrito em toda essa estrutura, e não posso escapar da linguagem, mas isso não vai me

³ FLEISCHMANN, T. *Time is the thing a body moves through*. Coffee House Press, 2019. Edição digital.

⁴ Félix González-Torres era um artista visual cubano radicado nos Estados Unidos conhecido por suas obras minimalistas que tratavam, direta ou indiretamente, de temas relacionados ao homoerotismo. González-Torres faleceu aos 38 anos em 1996, em virtude de complicações decorrentes da AIDS.



impedir de recusá-la, e de acreditar que um papel em branco pode me transportar para outro lugar. (Fleischmann, 2019, n.p.)

Seu trabalho se move entre fato e imaginação, objeto e memória, para abrir um novo espaço: de mim a algo que existe para além desse limite. Como se eu fosse uma fronteira antes, e agora posso me mover de novo – atravessando a multidão até que emerge do outro lado, o ar se abra e eu respire. (Fleischmann, 2019, n.p.)

Meu eu jovem sabia que nenhum daqueles homens ou mulheres na televisão era eu, mesmo conforme eu formava uma identificação fraturada com eles – uma identificação que me permitia verbalizar parte de mim enquanto negava algo mais. (...) Eu não sei o que significa nomear a si quando jovem, ou buscar, da sala da minha mãe, corpos em cidades vizinhas com um clique, clique. Mas eu sei o que significa ser desenraizada da narrativa, um desenraizamento que senti como reivindicar poder. Sou grata a isso, na verdade. Significou que eu viajei pelo espaço enquanto o hotel queimava. (Fleischmann, 2019, n.p.)

Os três excertos a partir de diferentes temas falam sobre o encontro entre modos de atribuição de inteligibilidade e o que isso faz com a gente – nossos empreendimentos de saber, nossas formas de estar no mundo e no próprio corpo, nossos modos de tornarmos-nos apreensíveis reconhecíveis a outres. Adicionalmente, expressam recusa à contenção, à circunscrição estável seja da experiência subjetiva, seja de sua nomeação e qualificação, seja de modos de representá-la. “Não inscrição”, campo outro ainda não elaborado, atravessamento que abandona a delimitação que nos contém, novo espaço em que se move, desenraizamento da narrativa: o horizonte desejável é o da desorientação.

Uso “desorientação” nos termos de Sara Ahmed (2006a⁵; 2006b⁶), e sua proposta de fenomenologia *queer*. Em diálogo com clássicos da fenomenologia, Ahmed atribui foco à “orientação” como mecanismo social e historicamente produzido de constituição de um campo de objetos aos quais atribuímos atenção (em detrimento de outros relegados ao plano de fundo), com os quais nos alinhamos e que fazem parte da moldagem dos nossos corpos, ponto de partida da percepção. A orientação tem um aspecto temporal: o plano de fundo corresponde às condições de emergência de um dado estado de coisas, à sedimentação no e pelo corpo a partir da repetição ao longo da história de modos de perceber, agir, relacionar-se com a matéria. O processo de direcionamento em relação a

⁵ AHMED, Sara. “Orientations: Toward a Queer Phenomenology”. In: *GLQ – A Journal of Gay and Lesbian Studies* 12:4, 2006. Pp. 543-574.

⁶ AHMED, Sara. *Phenomenology: Orientations, objects, others*. Durham and London: Duke University Press, 2006.



objetos (materiais, mas também objetos de pensamento – objetivos, aspirações, emoções) atingíveis afeta futuros possíveis: de que forma a relação com eles e o modo como os percorremos desenha trajetórias e tendências.

A heterossexualidade, argumenta, é uma forma de orientação: refere-se não só a um desejo direcionado a um tipo de pessoas, mas à constituição de um campo. A cultura heterossexual desenha uma configuração de objetos aos quais nos atentamos e com os quais podemos interagir que constituem um caminho de vida linear – *straight*, termo usado como sinônimo de “heterossexual” em inglês, significa “reto” e a autora joga com esse sentido. Ela mobiliza o estudo da percepção e da consciência para refletir sobre a constituição performativa de linhas de pensamento e de movimento cuja composição se dá por meio de formas de orientação de desejo consideradas possíveis e aceitáveis.

Tais formas de orientação de desejo afetam estruturalmente essas linhas: costumam junto passado e futuro possíveis (herança e linhagem familiar, reprodução de seus modelos no seguimento da mesma trajetória dos pais), sexo, gênero e sexualidade possíveis, formas de domesticidade e vida pública etc. Trata-se da produção de um campo obrigatório de objetos acessíveis e das relações entre eles, bem como de caminhos de vida possíveis e aceitáveis, que se dão pela repetição de seu caráter inexorável. A orientação a objetos de desejo afeta outras coisas que fazemos:

Mover a orientação sexual de alguém de heterossexual para lésbica, por exemplo, requer reabitar o corpo, dado que o corpo da pessoa não mais se estende no espaço e na pele do social. Dado isso, o sexo da escolha de objeto de alguém não é algo apenas sobre o objeto mesmo quando o desejo é dirigido em direção ao objeto: afeta o que podemos fazer, onde podemos ir, como somos percebidos (...). Essas diferenças quanto a como uma pessoa direciona o desejo, e como é encarada por outros, pode nos mover e assim afetar mesmo os padrões mais profundamente entranhados de se relacionar. (...) Esse contato implica seguir diferentes linhas de conexão, associação e até troca, linhas usualmente invisíveis a outros. Não é surpreendente que se tornar uma lésbica pode ser algo sentido como um novo mundo se abrindo (Ahmed, 2006a, 563-564).

Nesse aspecto, *queer* é o efeito de perturbação nessa orientação: a falha em segui-la, o distúrbio que relações entre corpos, entre corpos e objetos, entre corpos e espaço produzem no campo e nas linhas de orientação hétero. Trata-se de uma sensação de deformação que modos de agir e se relacionar com corpos e objetos engendram nos



contornos de um espaço habitável e de uma vida vivível de acordo com a heteronorma. E se *queer* é entendido em dois sentidos pela autora, tanto como práticas sexuais não heterossexuais que produzem efeitos no contato social, quanto como, seguindo a raiz da palavra, o que é deformado, oblíquo (Ahmed, 2006a, 565), então pode ser mobilizado como desorientação. Desorientação, assim, é o efeito extraordinário de um jeito de agir e ocupar o mundo que provoca desvios no alinhamento familiar do campo compulsório – que tem expectativas de orientação sexual como definidoras de um registro social mais amplo de organização do tempo, do espaço e da existência.

É essa perspectiva *queer*, desorientadora, interessada no movimento que é estranho, que confunde regimes estabelecidos de existência, relação e categorização do mundo, que atravessa campos de possível que me inspira ao analisar as seguintes autobiografias: “*Man alive*” e “*Amateur*”, de Thomas Page McBee (2014⁷; 2018⁸), e “*Redefining realness*” e “*Surpassing certainty*”, de Janet Mock (2014⁹; 2017¹⁰)¹¹. Pertencentes a uma geração recente de autobiografias e imersas em um contexto intenso de hipervisibilidade trans, produção artística e participação política (Lima, 2022)¹², esses autores são figuras públicas que circulam entre o ativismo e a indústria cultural.

Mock e McBee constroem um estranhamento do campo de orientação cisnormativo e convidam leitôries a estranhá-lo também. Fazem-no reconfigurando os princípios de estruturação da subjetividade generificada, e questionando o alinhamento convencional de sua narrativa a histórias sobre transexualidade e transgeneridade. Desenraizam-se de tal alinhamento. Relocalizam o olhar e, obliquamente, desviam-se dos campos cisnormativo e transnormativo, permitindo encará-los de frente, estranhar sua familiaridade e desenhar outras formas de habitar o mundo.

⁷ MCBEE, Thomas Page. *Man alive: a true story of violence, forgiveness and becoming a man*. San Francisco: City Lights Books, 2014.

⁸ MCBEE, Thomas Page. *Amateur: A true story about what makes a man*. New York: Scribner, 2018.

⁹ MOCK, Janet. *Redefining realness: my path to womanhood, identity, love & so much more*. New York: Atria, 2014.

¹⁰ MOCK, Janet. *Surpassing certainty: what my twenties taught me*. New York: Atria, 2017.

¹¹ Como forma de evitar repetições, as autobiografias aqui analisadas são citadas ao longo do texto a partir das seguintes abreviaturas: Man alive – MA; Amateur – AM; Redefining realness – RR; Surpassing certainty – SC.

¹² LIMA, Luiza Ferreira. *Trânsitos em texto: uma análise comparada de biografias e autobiografias de pessoas trans no Brasil e nos Estados Unidos*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022.



Transição, passabilidade e ser “de verdade”: duas perspectivas

McBee e Mock lançaram suas primeiras autobiografias em 2014 – obras com repercussão considerável em termos de vendas¹³ e atenção da mídia¹⁴. Ambes já possuíam uma carreira vinculada à imprensa: McBee escrevia ensaios para sites de notícias como The Rumpus e The Atlantic, e Mock era editora do website da People Magazine.

“Redefining Realness” segue, em parte, um modelo mais aproximado do cânone: tem estruturação cronológica; acompanha a protagonista desde a infância no Havaí até a realização de vaginoplastia; destaca tensões envolvidas no processo de tornar a própria identidade reconhecível no âmbito familiar, na escola, etc.; e realiza um afastamento, por parte da voz narradora, da ambientação dos eventos e estados subjetivos narrados para sublinhar a ausência de entendimento à época, de modo que não os compreendia pelo que “verdadeiramente” eram quando de sua ocorrência. Contudo, salienta Vipond (2018)¹⁵, distingue-se ao ser um dos primeiros livros a tematizar, nos Estados Unidos, uma trajetória marcada por desigualdade racial, vulnerabilidade socioeconômica e rede de cuidado familiar fragilizada. A limitação de seus pais em fornecer tanto reconhecimento e acolhimento diante da manifestação de sua feminilidade quanto suporte material a necessidades básicas e a suas modificações corporais produz experiências de sofrimento até então raramente retratadas em obras estadunidenses – em sua maioria, escritas por pessoas brancas de classe média e alta.

Trazendo esses temas para o centro da narrativa, Mock desafia a estruturação da inteligibilidade trans ao revelar o modo como o cânone se constitui a partir da marcação racial branca e de classe média da transfeminilidade e leva à pressuposição de tais experiências marcadas em termos de classe e raça como eminentemente trans. Ademais, a autora se recusa a obedecer ao regime de moralidade tácito que condena o trabalho sexual e impõe silêncio sobre ele: ela salienta sua importância como forma de sustento e de

¹³ “Redefining realness” entrou para a lista de mais vendidos do jornal New York Times logo ao ser lançada.

¹⁴ McBee atraiu a atenção de veículos mais independentes, como Kirkus Reviews e Guernica; já Mock e sua obra foram retratados em veículos de maior circulação, como Washington Post e Guardian. Ela também chegou a ser entrevistada em programas de grande audiência, como “Oprah’s SuperSoul Conversations”.

¹⁵ VIPOND, Evan. “Becoming Culturally (Un)Intelligible: Exploring the Terrain of Trans Life Writing”. In: *a/b: Auto/Biography Studies*, 2018.



acesso a uma rede de sociabilidade trans e a técnicas de produção de si (ibid.: 16).

A obra também se destaca do usual pelo modo como elabora o tratamento desses temas. A recorrência com que se refere a escritoras feministas negras como Audre Lorde, bell hooks, Toni Morrison e Zora Neale Hurston sinaliza a leitôries o que a narrativa executa: não está interessada em produzir um estatuto de vítima para si, ou vilanizar seus pais. Pretende, a partir da trajetória pessoal, desvelar como a articulação de desigualdades de gênero, raça e classe produziram um arsenal reduzido de acesso à informação, expectativas de desenvolvimento, formas de cuidado e projetos de futuro. Tecendo uma relação nuançada, tensa e irredutível entre agência e assimetrias estruturais, responsabiliza os pais por modos negligentes e violentos de criação, mas também sublinha a ausência de referências deles para lidar com a sua transgeneridade.

Também sublinha suas escolhas (o trabalho sexual e a transição ainda adolescente) não como coragem diante de riscos de perda – por exemplo, a estigmatização social – mas como ausência de privilégios que poderiam ser perdidos. Por fim, inicia e conclui o livro salientando que sua ascensão social (ao lançá-lo era editora da People) não se deu por conta de uma habilidade individual nem era prova do mito meritocrático estadunidense: tratava-se de uma convergência de processos subjetivos e conjuntos de oportunidades que se desenharam a ela e que não se apresentaram a outras como ela¹⁶.

“*Man alive*”, de McBee, destacou-se por outros motivos. O livro parte de dois pontos traumáticos para narrar processos contrastivos de estabelecimento de relação consigo mesmo: o abuso sexual cometido pelo pai e sofrido dos 4 aos 10 anos; e o roubo que o vitimou e sua então namorada e quase acarretou seu assassinato. As experiências se articulam narrativamente como eventos de perda de controle e consciência sobre o próprio corpo que desencadearam efeitos opostos, conforme o autor nos mostrará ao longo do texto: a violação sofrida no espaço doméstico levou ao alheamento entre sua subjetividade

¹⁶ “Essas garotas e mulheres não receberam as mesmas oportunidades (...) com que fui agraciada. Foram rejeitadas e desumanizadas, o que tornou a maioria esmagadora delas vulnerável (...) a exclusão, discriminação e violência. (...) A despeito de minha tentativa de ser exceção, a realidade é que eu era uma dessas mulheres. (...) Se sou a exceção, o pretensão padrão de sucesso, então onde se situam as irmãs com quem cresci nas ruas de Honolulu que não ‘conseguiram’? Ser excepcional não é revolucionário; é solitário. Separa você da sua comunidade. Quem é você, realmente, sem comunidade? Tenho sido constantemente erigida como token, como o tipo ‘certo’ de mulher trans (educada, sem deficiências, atraente, articulada, heteronormativa). Isso promove a ilusão de que porque eu ‘consegui’, esse nível de sucesso é facilmente acessível a todas as mulheres trans jovens. Sejamos claros: não é. (RR, xv-xvii)



e sua forma corporal, relegando à matéria o mundo social, das interações, enquanto sua subjetividade, sua consciência de si e sua vontade se invisibilizavam e se protegiam do mundo. É como se tivesse abandonado seu corpo às ameaças e ações do mundo, escondendo sua subjetividade em algum canto de si mesmo¹⁷.

O crime violento que ameaçou a continuidade de sua vida, por sua vez, provocou a reconexão entre essas duas dimensões cindidas (subjetividade e matéria) e o permitiu exercer agência sobre si. Esse evento foi propulsor da sua transição de gênero. Esta se conecta a uma marcha de conhecimento e reflexão sobre a história do pai – McBee viaja ao estado de origem do pai e entrevista familiares – e suas implicações na própria trajetória de vida, bem como à reorganização de seu relacionamento amoroso com a companheira após o trauma do roubo e a assunção da transgeneridade.

A ordem de apresentação dos eventos ao longo de boa parte do livro não é cronológica; a estruturação temporal parte de dois contextos intercalados e cria bruscas pontes de conexão entre eles em momentos de vida muito distintos. Tal movimento também se manifesta no ritmo: os capítulos são curtos, breves descrições de eventos ou estados subjetivos que produzem a sensação de acelerações e freadas súbitas. No final da obra uma ordem cronológica é instituída: McBee se engaja na assunção da identidade de gênero masculina (por exemplo, testa e escolhe um novo nome) e em fechamentos de certos ciclos – deixa a cidade em que morou por anos e se encontra com o pai. Na conclusão do livro sinaliza novos começos: a mudança para outro estado; o surgimento de novos conflitos e necessidade de reajustes em seu relacionamento amoroso; e a surpresa diante dos efeitos da testosterona.

Ao optar por assumir uma ordem cronológica quando a transição se concretiza, McBee parece criar uma lógica estável e gradual de reconstituição de si e do próprio corpo, de reclame de poder sobre a disposição da existência que nas partes anteriores apenas se apresentava como ensaio. Há estabilização de um processo de subjetivação até então tateante: experimenta as promessas que se apresentam ao corpo e o torna parte de sua experiência como sujeito no mundo. Mas se aparta da narrativa convencional não apenas pela estruturação temporal e por elaborar a história de sua vida como história de

¹⁷ Dois excertos são bastante eloquentes: “O que ele fez não doeu. Desconectou, fez dois de mim como havia dois dele. Me fez um estranho para mim mesmo” (MA, 22-23); e “Porque eu contei para mim mesmo essa história: eu sei como ser invisível, intocável. Eu podia colocar meu corpo para dormir, membro a membro. Eu podia esperar uma vida inteira, se necessário, para acordar” (ibid.: 36).



reapropriação subjetiva, agentiva, da materialidade corporal em seu engajamento com o mundo. A distinção se dá, ademais, pelo que desenha como motor de realização tanto da apartação quanto do impulso de retorno à materialidade, e pelas articulações que a estruturação temporal produz: trata-se de uma meditação sobre masculinidades.

A feitura desta ordem de tempo inaugura e refaz modelos de homem possíveis experimentados pelo autor, e engendra a potência de uma identidade masculina não interligada a toxicidade. O abuso marcou uma primeira significação, vinculando violência, controle e misoginia ao gênero. Mas conhecer a trajetória pobre da família do pai, a infância deste e a provável experiência de abuso que o vitimou por um lado, bem como, por outro, acompanhar o julgamento do homem que o roubou e ameaçou, e testemunhar fragilidade e desespero do acusado, permitiram que McBee revisse dita dignificação e a associação necessária entre homem e monstro. As experiências mostraram que homens violentos podem ter facetas marcadas por vulnerabilidade e violações sofridas. Ademais, o domínio sobre o próprio corpo e o novo vínculo de identificação com ele permitiram construir uma masculinidade outra, multifacetada – que submete a crítica performances de gênero violentas, refuta sua naturalidade e inescapabilidade, visibiliza-a para enfrentar seus efeitos e evitar sua reprodução.

Embora “*Redefining realness*” e “*Man alive*” sejam boas para pensar, neste artigo me detenho nas segundas obras de Mock e McBee: “*Surpassing certainty*” (2017) e “*Amateur*” (2018). São livros escritos quando ambos já haviam alcançado notoriedade e reconhecimento na grande mídia: Mock iniciava mais constantemente sua carreira em emissoras de TV¹⁸ e McBee expandia sua escrita para outros veículos, como *Buzzfeed*, e GQ; no mesmo período de publicação de “*Amateur*”, ele passa a integrar a equipe de roteiristas das séries “*Tales of the city*” e “*The L word generation Q*”. Não obstante a qualidade inquestionável do trabalho de McBee e Mock, especula-se que parte de sua inserção se dá pelo aparente alinhamento a padrões cisheteronormativos de beleza e afetividade: sua configuração corporal e expressão de gênero são convencionalmente masculinas e femininas (respectivamente), e ambos ao longo dos anos se envolveram em relações longas com pessoas do gênero oposto. Um lugar estável, portanto, sob o olhar

¹⁸ Cita como uma de suas primeiras experiências no ramo a produção o documentário “*The trans list*”, exibido pela HBO. Posteriormente, ela atuou na produção, direção e roteiro da série *Pose*, e em 2019 assinou contrato de 3 anos com a plataforma de streaming Netflix que lhe dava poder de criação e produção de conteúdo. Ver: <https://variety.com/2019/tv/features/janet-mock-netflix-deal-pose-1203246917/>



público; o que ambos os livros fazem é perturbar essa estabilidade.

Em “*Surpassing certainty*”, acompanhamos o tempo vivido por Mock entre o seguimento dos procedimentos cirúrgicos de modificação corporal, ao começar a graduação na Universidade do Havaí e continuar o próprio sustento como stripper, até a consolidação de sua carreira como editora do website da *People Magazine*, em Nova Iorque. A descrição da trajetória que abarca parte de seus 20 anos poderia ser tomada, em um primeiro momento, como uma história de superação e ascensão social heróica – mas Mock rapidamente afasta essa leitura. Já na introdução, ela nos avisa de que se trata de uma história de enfrentamento de expectativas de sucesso e aceitação que se fundam em silêncio, esquecimento, apagamento e assimilação, e de como esse enfrentamento reorganizou a concepção de verdade sobre si e sua relação com o tempo.

Já em “*Amateur*” acompanhamos o período de menos de um ano levado pelo autor para treinar e participar de um campeonato de boxe amador. O engajamento com o esporte fez parte de uma reflexão mais ampla sobre seu processo de constituição de uma identidade masculina habitável em meio a uma cultura de masculinidade hegemônica permeada por violência – diante da expectativa generalizada de seu ajuste a tal cultura. A obra se mostra como um projeto dual: de exposição e investigação do que se considera ser “homem de verdade” nos Estados Unidos; e de enfrentamento de seus próprios pressupostos, desejos e incômodos até então não analisados sobre ocupar essa categoria.

Os dois livros recusam a fixidez e a aura de conquista que envolvem a percepção de sucesso de sua transição. Também exploram o que vem depois do que convencionalmente se entende, num enquadramento cisnormativo, como o ponto de chegada desse processo: a realização dos procedimentos de modificação corporal que permitam ser lide conforme o gênero com que se identifica, e a assunção e exercício dos papéis sociais esperados – ambos entendidos como correspondendo à tradução em linguagem material e social de uma verdade identitária interna e substantiva de homem ou mulher “de verdade”. Eles nos desafiam: há um problema grave nessa matriz de legibilidade. O gesto dessa proposta pode ser notado já na introdução de “*Amateur*”:

Histórias sobre pessoas trans, quando sequer as ouvimos, usualmente terminam com tal simbolismo radiante, voltado a indicar que o homem ou mulher em questão teve sucesso, na transição, na grande missão de finalmente ser eles mesmos. Embora isso seja adorável, e até um pouco



verdade, do mesmo modo que uma gravidez ou uma experiência de quase-morte podem agir sobre um corpo como gravidade, remoldando nossos dias e memórias e até o tempo em torno desse impacto – não é onde a história acaba. Nem de perto. Eu sou um iniciante, um homem nascido aos 30 anos, com um corpo que revela uma realidade sobre ser humano que é raramente examinada. A maioria de nós vivencia o condicionamento de gênero tão jovens (...) que acabamos entendendo mal o relacionamento entre natureza e criação, cultura e biologia, caber nos moldes e ser você mesmo (AM, 4-5).

Sigo aqui o modo como Mock e McBee articularam transição, passabilidade e “ser de verdade” em suas obras, como a desorientação dessa articulação afetou sua perspectiva, e como esse processo permitiu uma crítica ao enquadramento cisnormativo.

De início, ambos salientam encanto e euforia com materialização em signos físicos de gênero que suas corporalidades passam a carregar e com a apreensão generalizada e inequívoca de sua identidade como respectivamente homem e mulher. McBee afirma que notava isso “principalmente em termos estéticos: a camiseta que agora me servia, a curva graciosa do meu bíceps, o glorioso salpicado de uma barba” (AM, 3). A abertura de Mock se dá tingida do medo da descoberta, e da imprescindibilidade do segredo sobre a transgeneridade. Ao narrar nas primeiras páginas sua entrada no clube de strip-tease e o encontro, lá, com uma conhecida trans, é notável como sua beleza e corpo alinhados a padrões de cisfeminilidade não afastavam o medo da revelação do passado ou de algum sinal de não naturalidade que poderia vir a ser percebido por mulheres cis:

Sabia que Cassie estava cansada de ser a única no espaço, ainda que ela fosse a única que soubesse. Cassie era uma daquelas mulheres trans que conseguiam acessar espaços sem ser lidas como trans (...). Mas não importa o quão não percebida uma garota fosse, não importa o quão bem conseguisse se misturar, ainda carregava aquela semente de medo de ser descoberta. A semente tinha sido plantada em nós anos atrás, e sabíamos que quanto mais longamente uma pessoa se isolasse, mais amplamente esses ramos cresceriam. (...). Eu ainda era tímida com meu corpo, em especial na companhia de mulheres. Sentia que eu não estava à altura, e esse fracasso me fazia sentir ilegítima. Contudo, na companhia de homens com suas mãos ásperas, ombros largos e bíceps protetores, era generosa com minha nudez (SC, 11-13).

Dançar no clube me deu uma confiança maior em meu corpo, particularmente me permitindo apreciar a estética da minha vagina. Temia há muito tempo que a minha não parecesse “normal”, como se houvesse uma aparência padrão para todas as vaginas (...). Comparar minha vagina de garota trans com imagens retocadas [de revistas masculinas] apenas aumentava minha insegurança. Perdi tanto da minha



juventude me medindo contra coisas fora de mim. Foi no Club Nu que fui exposta a vaginas de todos os tipos. Duas não eram idênticas, mas todas pertenciam a mulheres (SC, 17).

A insegurança quanto a quão “real”/ “de verdade”¹⁹ é o próprio gênero em comparação com corpos de pessoas cis também afeta McBee, e também vemos uma trajetória de questionamento de univocidade desse modelo. Mas embora a questão acerca da adequação de suas formas físicas se manifeste, o que compõe a categoria ganha mais dimensões. No primeiro capítulo do livro, intitulado “Sou um homem de verdade?”, relata a consciência aguda de homens mais altos e fortes da academia, “carregando em seus corpos o potencial de meu fracasso espetacular” (AM, 33). Mas em vez de respondê-la, ele torce a pergunta: quanto mais se preocupa em parecer “de verdade”, mais o que “de verdade” significa se torna o ponto crucial a merecer atenção. Entremeando fontes da história, da sociologia e da psicologia com dados autobiográficos, arrola aspectos normativos da formação da masculinidade verdadeira que se instituem pela repetição:

Não se deixe dominar. Não peça desculpas quando você é quem está sendo incomodado. Não faça seu corpo diminuir. Não sorria para estranhos. Não demonstre fraqueza. (...) Demonstre poder e controle. Não seja “como uma mulher”. Não seja “como um homem gay”. (...) “Homens tendem a lutar quando se sentem humilhados, envergonhados”, o sociólogo Michael Kimmel me disse. (...) Supus que lutar pelo meu direito como homem trans de ser visto como “de verdade” tomaria grande parte dessa história: mas rapidamente ficou claro que todos os homens provando sua “verdade” o faziam através da luta contra o policiamento e a humilhação exercidos por outros homens, com triste recorrência os humilhando e policiando de volta. (...) Eu me sentia real quando pedia ajuda, quando fracassava, quando era eu mesmo. Eu não queria me tornar um homem real, percebi. Eu estava lutando por algo melhor (AM: 42-44).

A apreensão do caráter problemático do que se considera “homem de verdade” torna inócuo o questionamento quanto a sê-lo; mais importante é entender o processo de fabricação social desse modelo, o que o constitui (nos termos de Ahmed, o campo de objetos em relação que faz emergir esse estado de ser) e seus efeitos. Um dos aspectos que participam do tensionamento do modelo é o caráter temporal de sua feitura: Mock e McBee exploram o lugar da transição nesse regime de verdade, mas também da instituição

¹⁹ Aproximo os dois termos como traduções parciais do “Real man” usado por McBee ao longo do capítulo.
CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880



de padrões de gênero fundados na cisnorma.

Em Mock, a tentativa de cabimento em seus moldes e a posterior interrogação de seu sentido se dão partindo do desejo de silêncio e apagamento da transição, principalmente quanto mais se distancia do Havaí, de familiares e conhecidas, ao fazer cursos na costa leste e depois se mudar para Nova Iorque. Embora logo entenda que revelar ou não tal informação é direito de escolha seu²⁰, o medo de esse compartilhamento fazê-la indesejável ou alvo de agressão se perpetua na narrativa e se fundamenta na consciência de que, socialmente, a transgeneridade e a transição eram vistas como anomalias e tentativas de ocultação da verdade da identidade sexuada. Isso fazia com que ansiasse por se afastar da imagem convencional de transgeneridade, um projeto de si em que “se misturava. Esse era meu sonho adolescente: ser vista e aceita como qualquer garota. Com minha não-conformidade de gênero aparentemente se desvanecendo” (SC, 38).

Isso faz com que a revelação se dê a partir de lacunas e não-ditos. Vejamos como fala sobre sua trajetória pela primeira vez a seu primeiro marido, Troy, quando ainda namoravam no Havaí. Ela não usa “transgeneridade”; descreve o processo como “quando jovem, lutei contra algo para o qual não tinha palavras. (...) um médico me ajudou. Me deu palavras para me identificar e descrever meus sentimentos. (...) fiz uma cirurgia que me deixou realmente confortável em meu corpo” (SC, 45). A imprecisão é deliberada:

Meu relato vago sobre minha jornada transexual o forçava a preencher os vazios sem colocar um rótulo na coisa. Percebo hoje que eu me recusei a dar um nome a minha experiência. Rejeitei me rotular em sua presença, porque não queria que ele me visse como qualquer coisa além da mulher pela qual havia se apaixonado. (...) dizer que era transexual teria qualificado meu estatuto de mulher. Pensei que deliberadamente constatar que era uma mulher trans – uma mulher que nem sempre foi vista como garota ou mulher (...) – apenas me juntaria às trannies trágicas que consistentemente passavam na tela da minha tv como shows de aberração modernos; à prostituta hipervisível silenciosa ou atrevida; (...) ao corpo mutilado não reclamado. Essas imagens distorcidas apenas elevavam a vergonha que eu sentia sobre ser trans. Eu desejava me separar desses retratos difundidos, ausentes de qualquer afirmação ou celebração. Eu queria escapar do estigma, e que Troy me visse como exceção. (...) Eu não tinha tido distância suficiente pra me reconciliar

²⁰ “Conforme eu me tornava mais confiante em meu corpo, ganhava mais experiência com encontros, e passei por cirurgia, comecei a ver a revelação não como obrigação, e sim como um presente. Minha história era minha, e sentia que a pessoa tinha que merecer o privilégio de ouvi-la. Pretendentes aleatórios e casos passageiros não eram merecedores de mim e de minha história. Mas Troy se provou merecedor” (SC, 39).



com meu passado. Não tinha viajado longe o suficiente para me apropriar de quem era (...). Ele não demandou [saber] mais, e isso foi um presente (SC, 46).

A conjunção entre desejo de distanciamento de imagens estabelecidas de transgeneridade e a ausência de perguntas da parte de Troy sobre seu passado deram a ela a “aparência de normalidade” (SC, 55) que pensava desejar – aparência que, por sua vez, produzia o efeito de uma feminilidade sempre presente, sempre evidente a quem a lesse. Mas o que fundava tal ausência de perguntas e a subjetividade generificada engendrada pelo silêncio que compartilhavam produziu um efeito perturbador, de redução de si: a sua inscrição em um alinhamento cisnormativo de trajetória, uma história de vida coerente (gênero que deriva do sexo assignado ao feminino) remove a complexidade do passado de reflexão sobre a própria feminilidade, de sua materialização, e da reivindicação de seu reconhecimento. A alocação no alinhamento cisnormativo empobrece o caminho de sua subjetivação e a sensação negativa que isso causa a surpreende.

Ao verem um filme sobre a vida de uma mulher trans (interpretada por um homem cis), Mock diz a Troy “ela é uma garota como eu”. Ele responde “Vocês duas são completamente diferentes. Eu nunca namoraria alguém assim” (SC, 54). A primeira desorientação se dá: ao notar que Troy a distanciava da personagem por ver nesta resquícios de masculinidade – sem considerar sua legibilidade “antes” e o trabalho do tempo realizado. Esse afastamento parecia ser importante para sustentar tanto a imagem de “mulher de verdade” dela, em que “verdade” se apoiava em permanência no tempo, quanto a masculinidade dele – que, reflete Mock, “ditava que ‘homens de verdade’ namoravam ‘mulheres de verdade’”. Se aventurar para além desses limites – desejar uma mulher que nem sempre se apresentou e era vista como tal – era estilhaçar as regras que ele aprendeu a seguir” (SC, 54). Embora fosse o que supostamente desejava, vê-se diante de uma descoberta surpreendente: a exigência de omissão do passado para pertencimento ao mundo cis e à categoria “mulher de verdade” a incomodava.

(...) eu descobri que queria que ele me fizesse perguntas, ouvisse mais sobre tudo que eu havia passado. Eu tinha um conjunto único de experiências que diferiam daquelas das mulheres que Troy havia namorado antes, e isso não me fazia menos mulher. (...) não conseguia articular isso na época (SC, 55).



E essa dificuldade de elaborar o incômodo do silêncio a levará a sustentar a tentativa de abandono do próprio passado ao longo dos anos, insistindo na realização de um presente e futuro de “mulher de verdade”. Ao realizar um intercâmbio curto em *Rhode Island*, um dos motivos de felicidade com a experiência é estar entre pessoas que não sabiam que ela era trans: “Isso era libertador, me permitindo ser apenas mais uma garota na multidão” (SC, 60). Trata-se do modo como era lida socialmente, mas também do projeto de si que construía – e ao longo dos anos, Mock relata almejar ser outra pessoa que não ela, com sua trajetória e seus vínculos. É recorrente lermos ao longo da obra afirmações como “eu não queria voltar para mim mesma” ao se referir a seu período em *Rhode Island* (SC, 73), e “eu poderia me apagar e desenhar uma nova existência” quando conhece Nova Iorque e cogita se mudar para lá (SC, 81). Enquanto narra sua chegada à cidade para cursar o mestrado na *New York University*, pontua ter sido fortalecida pela imagem da garota que “abandonou sua cidade pequena, família e marido e se desfez do seu passado e de seus eus anteriores para recriar a si mesma do zero” (SC, 116).

Ao mesmo tempo, satura a escrita o anseio pelo passado e a percepção de que o conhecimento partilhado do passado a deixava menos solitária, fortalecia vínculos e a tornava mais inteiramente conhecida. Ela lembra que “me sentia sozinha e sentia falta de conexão genuína (...), de estar com quem eu partilhava continuidade. (...) todos ansiamos espaços em que história compartilhada age como um fio nos vinculando e responsabilizando nossos eus anteriores e uns a outros” (SC, 80). Ao se assumir trans a uma amiga, afirma certeza de que “dizer a ela iria na verdade nos aproximar” (ibid. 102).

Nas primeiras 100 páginas do livro, Mock descreve preponderantemente esse projeto de ruptura com o passado na fabricação de uma nova personitude que a inserisse no campo de “mulheres de verdade.” As 100 páginas seguintes que a acompanham em Nova Iorque, porém, operam uma perturbação em sua perspectiva sobre a temporalidade da própria existência e, de um modo mais amplo, sobre a estruturação temporal da subjetividade generificada que organiza pertencimento e exclusão a tal campo.

Isso significou reconhecer, paulatinamente, o caráter infrutífero de sua orientação para o futuro – ser uma nova pessoa, sem história – e encarar a si e a própria história. Mas esse não foi um processo só interno. Revelar sua transgeneridade para amigas se tornou mecanismo de libertação e de solidificação de vínculos afetivos: “podia ser eu mesma (...), permitia que me visse em minha totalidade” (ibid.: 148). Avalia a intensidade de seu



envolvimento afetivo com amigas e amoroso com homens pelo desejo de contar.

O encarar a si e a própria história empreendem perturbação de sentido e de valor, um repensar a valoração negativa atribuída à transgeneridade. Mas também a meditação sobre vínculos com pessoas do passado a leva a notar que não há mesmidade na conformação de si ao longo dos anos. Ao reatar com Troy após um ano separados, e meses depois se separar definitivamente, Mock assume o motivo do prolongamento da relação amorosa: “Troy sabia tudo sobre mim. (...) Estava muito assustada em encarar a mim mesma e ficar só. (...) Acreditava que ninguém nunca me amaria como ele. Ninguém iria aceitar as coisas que eu tinha contado a ele e continuar do meu lado” (SC, 181).

Com o passar dos meses e com a psicoterapia, se dá conta de que a tentativa de estar juntos era apego ao que não existia mais: “ao que lembrávamos que tivemos no passado juntos. (...) Não somos mais quem éramos um para o outro” (SC, 208). Subjacente à infelicidade que sentia, há dois aspectos conectados: ambos haviam mudado muito desde o início do relacionamento, e o vínculo não mudou junto – continuavam se apegando a versões do passado um do outro; e Troy era mais uma dimensão de sua vida de onde extraía a própria imagem e valor.

Com os anos, a transição havia sido tomada como uma trajetória de composição de feminilidade que mais eficazmente fosse tomada como “igual a qualquer outra” – produzindo um efeito cisnormativo, não marcado de mulher. Para preservar esse efeito, era necessário se desfazer do passado, das discrepâncias de legibilidade que vigoraram antes e durante a transição, e orientar personitude em direção ao futuro: ser outra coisa que não quem era, ser mais e mais “igual a qualquer outra.” Fugir de um “si mesma.”

Ao mesmo tempo, nota que essa fuga é impossível – há algo de si do qual não pode se desfazer, e o reconhecimento e validação desse algo é tão fundamental quanto o efeito de “pessoa nova” que ela tenta produzir. Perturba-a, no entanto, notar que ambos os movimentos de vida são insatisfatórios: baseiam-se na outorga externa de sentido e valor de personitude generificada, em que afasta o entendimento de si. O olhar para o passado corresponde ao momento em que tenta reestabelecer uma relação consigo, não como projeto novo a ser inaugurado e aprovado por outres, e não como substância identitária considerada indesejável pela maioria – mas como uma constituição subjetiva que se organiza no tempo e precisa ser conhecida por si mesma.



A desorientação é evidente. O que se consideraria como ponto de chegada satisfatório – a inserção no âmbito da mulheridade comum – se torna lugar de estranhamento. Incômodo pelo preço que cobra, pelos aspectos da subjetividade que exige fiquem do lado de fora do campo do possível e do aceitável. O alinhamento cisnormativo sofre um desvio ao Mock recusar seu trajeto, seu ponto de chegada pensado como ideal, a demanda por estabilização e corte com o caminho percorrido. Mock engendra uma nova linha oblíqua ao direcionar o olhar para dentro e para trás.

O conhecer a si envolve de certo modo ser um agente fronteiriço (Nascimento, 2019a)²¹: se ver recorrentemente na iminência de ser qualificada como estranha pela descoberta da transgeneridade por outres, mas também ter acesso a inserção e circulação em espaços não autorizados a pessoas como ela – pessoas trans com trajetórias similares, mas não facilmente assimiláveis por não passarem por cis. Também permite que conheça os pressupostos cisnormativos de entendimento da transgeneridade e notar sua distorção, sua desconexão com as vidas reais de mulheres trans – decorrência de sua perspectiva singular advinda de seu estatuto de estrangeira no campo social autorizado da cisnorma.

Essa perspectiva torna possível que note o regime regulador que vincula atribuição ao sexo feminino e mulheridade verdadeira, que desafie a inscrição de um modelo único de feminilidade, que empreenda torção no pressuposto de transição bem sucedida como o “se tornar outra” e alhear-se de quem foi. Mock então recusa a assimilação e redireciona sua relação com objetos de pensamento: não mais apreender a verdade de si como indesejável, mas expor os dispositivos que instituem essa indesejabilidade. Não mais reproduzir uma configuração binária de feminilidade verdadeira ou falsa, mas apontar o aspecto ficcional do engendramento dessa configuração, que invisibiliza e exclui uma imensidão de formas reais de ser mulher. Não mais atentar para um presente e futuro de conquista da aparência de linearidade sexo-gênero, mas evidenciar, ao atentar para o próprio passado, o processo de moldagem da personitude generificada que articula modalidades mutáveis e heterogêneas ao longo do tempo de percepção de si, legibilidade social e reconhecimento. O atravessamento de campos sociais de legitimidade torna possível rever não só o entendimento da transição, mas também empreender outra, não linear, e não pautada em categorias discretas: de um

²¹ NASCIMENTO, Silvana. “Fugas e contrapontos na fronteira: reflexões etnográficas sobre transitividades corporais e de gênero no Alto Solimões/AM”. In: *Revista de Antropologia da UFSCar* 11 (1), jan./jun. 2019: 524-551.



desejo de pertencimento ao enquadramento hegemônico a um desejo de remoldagem do mundo habitável e de processos de subjetivação possíveis para além da cisnorma.

Com McBee, o processo é distinto porque o olhar para dentro – seu encanto com aspectos do mundo convencional dos homens e o comprometimento em “enfrentar verdades, mesmo as feias” (AM, 49) – faz parte do projeto que ensejou a escrita do livro. Além de mais de 10 anos mais velho do que Mock ao assumir a identidade masculina, vinha de um engajamento com debates sobre gênero e sexualidade que já questionavam a masculinidade hegemônica. Também, aqui, o que se considera “lugar de chegada” é menos visto como vitória, como território de estabilização e de completude de si; provoca estranhamento e outridade. Isso se condensa de modo mais evidente em dois capítulos – um no início e um mais ao fim: “sou machista?” e “por que ninguém me toca?”.

Em “sou machista?”, nota que tal encanto com o mundo convencional dos homens faz parte de um desejo por formas e movimentos corporais e comportamentos lidos como masculinos e, portanto, negados a ele ou vistos com maus olhos ao exercê-los enquanto era assignado ao sexo feminino. Enquanto qualificado como mulher masculina, tratavam-no com estranhamento em ambientes de trabalho – a apresentação de si era questionada como antiprofissional, sua conduta incisiva era vista como agressiva. No que designa como “Antes”, havia uma série de assimetrias que partilhava com mulheres cis convencionalmente femininas. Quando procedimentos cirúrgicos e terapia hormonal levaram a sua legibilidade como homem cis, no entanto, o valor atribuído a modos de agir foi invertido: passou a ser ouvido, levado a sério, parabenizado.

A fricção entre meu corpo e o mundo a meu redor havia desaparecido. Me tornar um homem era fácil exatamente nos lugares em que não ser um havia sido difícil. Todos os dias, eu era premiado por um comportamento pelo qual antes era punido, como defender meus ideais, pressionar alguém, (...) e estrategicamente – e visivelmente – receber crédito. Quando provava minha habilidade, apenas uma vez, ela tendia a se perpetuar (AM, 52)

Neste lugar de autoridade sedutora, passou a reproduzir posturas sexistas: não consultar mulheres que sabiam mais sobre determinados temas do que ele e se irritar quando era corrigido por elas, ser mais atento e solícito na interação com homens, etc. Essa tomada de consciência o desestabiliza porque, novamente, torce a pergunta a partir



da reorientação da perspectiva: não se trata de ser ou não machista, ou da possibilidade de sê-lo tendo em vista seu passado de experiências em que sofreu discriminação de gênero compartilhadas com mulheres. Trata-se de se perguntar de que forma modos de ler diferentes subjetividades generificadas suscitam diferentes cumplicidades com o poder ou fragilizações por ele, engendram diferentes campos de possibilidade de relação com outros e o mundo e diferentes dinâmicas de assimetria de gênero.

O autor se compromete a investigar o modo como sua legibilidade como homem cis reconfigurou a atribuição de sentido a seu comportamento e o modo como isso o faz se beneficiar de tal assimetria. Também o interessa de que modo a sedução da masculinidade habitada envolve, também, a sedução dos privilégios da masculinidade. Tenciona desmontar a estabilidade dessa posição de sujeito; para isso, se vale do caráter de novidade em habitá-la, do processo de comparação entre esta posição e a que ocupava anteriormente, e, principalmente, do modo como essa posição implica a reorientação de uma rede de relações a seu redor: como é visto, tratado, classificado, valorizado.

Uma perturbação oposta, que gera estranhamento, é descrita no capítulo “por que ninguém me toca?”. Aqui, transformações corporais levaram outra reestruturação de comportamento a seu redor: a redução drástica do contato físico em quase todas as dimensões de sua vida, com exceção da academia de boxe – onde homens desconhecidos davam tapas na sua bunda e o abraçavam com frequência. Fora desse espaço, suspeitava que homens e mulheres evitavam proximidade física por medo de que sugerisse interesse afetivo-sexual – medo fundado em homofobia, no primeiro caso, e na desconfiança socialmente dirigida em torno de amizades entre homens e mulheres, no segundo.

Logo ele nota que a reestruturação da leitura de seu corpo era acompanhada por expectativas de ação e por regras de interação entre pessoas. A evitação do contato físico é parte de uma configuração de modelo de masculinidade mais ampla: a interdição de vulnerabilidade a ele, e expectativas de que essa ausência apenas assumisse duas formas – a positiva, como poder; e a negativa, como ameaça. Isso se explicita, por exemplo, nas dissonâncias com mulheres em uma série de primeiros encontros logo após a transição:

Agora eu me fazia menor, com medo de assustar meus matches do Tinder, sempre fazendo a coisa errada, (...) perplexo com a etiqueta que nunca aprendi, tudo um campo minado. (...) Depois de alguns meses dessa nova vida de encontros, uma amiga bem intencionada (...) me aconselhou que eu estava sendo “muito vulnerável” com as mulheres



com quem saía. (...) “Não é sexy”, ela simplesmente disse. Meu eu de Antes nos estados iniciais de encontros amorosos – direto, confiante, romântico – parecia predatório agora. A vulnerabilidade que minha amiga notou em mim era apenas meu desejo por conexão, despido de qualquer fingimento (AM, 125-126).

As regras de interação são confusas porque padrões de comportamento aceitáveis a sua assiguação de gênero anterior tomam outro sentido ao ser lido como homem – mas de modo geral, o imperativo é o de fechamento ao toque e à ação do outro, e, portanto, afastamento de um lugar de suscetibilidade. Para o bem (“ser sexy”) e para o mal (“ser predatório”), da masculinidade convencional se espera uma autonomia que se constitui pelo estabelecimento de barreiras de circunscrição e contenção. Elas o tornam inacessível ao toque de outre – e de modo opositivo, tornam-no o agente que toca, que afeta.

Esse processo o leva a refletir sobre modos sócio-históricos de constituição de normas de masculinidade em oposição à feminilidade, de aspectos emocionais esperados a uma subjetividade generificada e negados a outra. Se sensibilidade, empatia, cuidado e vulnerabilidade são entendidos como qualidades femininas, são interditas a homens e ameaçam sua masculinidade²². Um dos poucos espaços em que se expor ao toque de outre e se engajar em interação física são autorizados é o de esportes de combate como o boxe: uma dinâmica contida de intimidade e nudez. Tais regras não faziam sentido – não apenas porque implicavam a demanda de reestruturação de modos de interação que havia aprendido e seguido ao longo de sua vida “antes”, mas também porque expressavam mecanismos violentos de instituição de um modelo único de masculinidade pautado no banimento da interdependência. Como conciliar ditas expectativas e sua trajetória?

Me chocou que homens tinham que aprender como ser tocados (...), e como tocar uns aos outros. (...) Crescentemente, eu via minha esperança em construir uma ponte entre meus Antes e Depois como um tipo de binário próprio. Não tinha cruzado uma linha mágica, tratava-se mais de explodir minha vida, criando mudança do modo desordenado que a maioria das pessoas faz. (...) Eu tinha mudado, e tinha continuado o mesmo, e cabia a mim aprender como construir meu novo eu com os materiais que estavam diante de mim. “Tivemos a mesma socialização”, eu apelava a Jess. “Não sou tão diferente de você”. Sabíamos que isso era verdade, mas ainda assim – não era mais verdade, exatamente. (...)

²² “Homens estadunidenses disseram que ‘ser homem’ significa não ser uma mulher. (...) Se ser ‘feminino’ é o oposto de ser um homem, então muitas qualidades que estadunidenses associam a mulheres (...) não são só reprovadas em rapazes, mas destruídas enquanto são jovens” (AM, 127).



meu corpo presente para todos os corpos ao meu redor e todos os corpos que eu havia sido e conhecido, e finalmente encontrei uma paz rara e perfeita ali. (...) A música [tocando na academia] me levou de volta ao ensino médio. (...) na academia eu podia sentir dentro de mim tanto um homem exausto batendo em um saco de pancadas quanto uma pessoa adolescente em fervor suado [na boate queer], se fundindo em uma massa com queens cheias de glitter e butches de cáqui e twinks e daddies de couro. (AM: 135-136)

A transição se distancia da figura linear convencional em representações da transgeneridade – não se trata da passagem de um lugar a outro, de uma categoria discreta unívoca a outra ao cruzar uma fronteira; ocupar o novo lugar significa levar consigo as experiências, a educação emocional, os modos de entendimento de gênero e sexualidade que afetaram a sua conformação enquanto sujeito – não abandoná-los. Significa permitir que esses elementos que faziam parte de um *self* do passado permaneçam compondo a outra pessoa generificada que se tornou, apenas requerendo novas relações entre eles. Essa sobreposição de personitades que habitaram diferentes tempos desestabiliza o dispositivo de orientação que insta ao abandono do *self* do passado. Significa recusar que a única masculinidade aceitável possível seja a que se opõe à feminilidade.

Significa, ademais, questionar o pressuposto de relação opositiva entre verdadeiro e falso, e da associação entre verdade e permanência. E isso se manifesta em seu entendimento da categoria passabilidade – envolvendo um processo de desorientação pessoal seguido de um projeto de desorientação amplo que os autores propõem enquanto argumento de suas obras. Em *Mock*, o debate é posto logo na introdução:

Gerações de garotas ouvem que o único modo de sobreviver é permanecer em silêncio, não ser notada, se misturar. Se é capaz de caber nos limites restritos, quase inalcançáveis do que a sociedade demanda que mulheres pareçam, espera-se que se mantenha quieta sobre seu passado e apenas passe. Não abandona nunca a minha mente que algumas, não tão afortunadas como eu, são frequentemente ridicularizadas, humilhadas, feridas ou atacadas quando fracassam em testes arbitrários em que pareço ser aprovada. Sempre me incomodou o termo “passar”. Ele promove a impressão falsa de que mulheres trans se engajam em um processo através do qual estamos passando por mulheres cisgênero – e não estamos. (...) Não estamos (...) fingindo ser mulheres. Somos mulheres, e pessoas cis não são mais válidas, legítimas e reais. (...) me benefício diariamente do privilégio de me misturar e não ser vista como trans. Meu status de mulher não é conferido e questionado nos espaços que adentro (...) e esse é um privilégio que muitas não têm. Elas enfrentam diariamente o peso da ignorância e da intolerância (...) (SC, xix-xx).



A crítica da passabilidade marca o pressuposto de que a cisgeneridade é a referência esperada, o padrão de normalidade, e que qualquer desvio desse campo orientacional precisa ser dito senão demarcaria engano e falsidade: fazer as pessoas presumirem que você é algo que não é. Mock convida ao rompimento do silêncio, mas não porque o dizer seria um imperativo moral a pessoas trans – mas porque ao fazê-lo, expõe-se a arbitrariedade do pressuposto e da norma, demonstra-se o caráter de verdade de transfeminilidade que recusa a oposição atemporal e unívoca verdadeiro-falso. O dizer atenta para o caráter processual de realização da verdade e para o aspecto multifacetado da identificação. Manifestar aspectos lidos como masculinos no passado (ser lida como menino na infância, por exemplo) ou no presente (não ser passável) não nega a feminilidade. O pressuposto de univocidade perpétua é praticamente inalcançável.

Em McBee, o debate sobre passabilidade ocupa um capítulo inteiro, intitulado “Estou passando?”. De modo condensado, apresenta o medo das implicações da descoberta de sua transgeneridade em um espaço tão densamente cismasculino como a academia de boxe, o desejo de cabimento no modelo cisnormativo de gênero e a descoberta perturbadora de suas limitações. Havia medo de violência, e o resgate da história trágica do boxeador Emile Griffith ilustra sua razoabilidade²³. Mas havia também a ideia de que “o oposto de passar era fracassar” (AM, 62) – fracassar no atingimento de um padrão reconhecível, validado por outros homens. O que significaria esse fracasso? E quais mecanismos subjazem o sucesso da passabilidade?

Isso faz com que mergulhe em estudos sociológicos e históricos sobre passabilidade racial, salientando, na análise desses materiais, como intelectuais destacam binários sociais na organização de sentido de marcadores sociais da diferença tais quais classe, raça e gênero. O “passar por” corresponderia ao trânsito para a outra categoria do binário, a criar a aparência de pertencimento a uma categoria de identificação da qual não faz parte visando escapar de discriminações e acessar privilégios econômicos e sociais vedados ao pertencimento de origem (AM: 59-60). Mas essa qualificação precisa ser

²³ Emile Griffith foi um pugilista estadunidense atuante principalmente nos anos 1960. McBee relata no livro que, anteriormente a uma de suas lutas com o rival Benny Paret, foi alvo de comentários homofóbicos por parte deste. A luta foi traumática: Griffith bateu tanto em Paret que este perdeu a consciência, entrou em coma e faleceu poucos dias depois. Segundo McBee, o desejo de provar a própria masculinidade pode ser notado subjacente à desmedida brutalidade. Por anos Griffith refutou rumores sobre sua orientação sexual; em 1992, após sobreviver a um linchamento na saída de um bar gay, assumiu-se bissexual.



tensionada no que tange a sua aplicação a pessoas trans, afirma.

Isso se dá porque o sentido convencional atribuído, destaca, é o de que pessoas trans estariam fingindo fazer parte de um gênero oposto a seu “verdadeiro”: em seu caso, como se sua designação quando do nascimento fosse a verdade de si ocultada. McBee nega esse empreendimento de sentido, redimensionando a perspectiva não apenas em outros termos que não masculinidade e feminilidade, verdade e mentira, mas provocando perturbações de legibilidade social e temporalidade – assim como Mock.

Legibilidade social porque “passar por” envolve lentes que organizam signos expressados conforme um repertório compartilhado, situado de classificação. Não corresponde só ao processo de atribuição de sentido a si, de realização da subjetividade generificada; trata-se do modo como esse processo de realização, diante de olhos de outros, é apreendido. McBee destaca que a constituição de uma expressão de gênero unívoca (em seu caso, inteiramente formada por signos sociais de masculinidade) é lida socialmente como um sinal de que sempre foi um sujeito assignado ao sexo masculino – ou seja, de que é cis. E de que qualquer coisa que não a cisgeneridade é uma mentira.

A sinalização da expectativa generalizada de cisgeneridade a sujeitos que apresentam certa coesão em sua expressão de gênero é relevante porque desorienta o debate e o rearranja. Não se trata mais de sujeitos fingindo serem o que não são, mas de um regime de suposição e atribuição de sentido a esses sujeitos sem sequer perguntá-los. Opera-se a partir de mecanismos de significação que são aproximados mas distintos. Se o oposto da cisgeneridade é mentira, tratar-se ia apenas de ser verdadeiramente homem ou mulher, ou fingir pertencer a um sendo sujeito essencialmente outro; McBee nos alerta que essa lente não imagina a possibilidade de um corpo univocamente de um gênero ser uma conquista, produto de um processo de constituição enquanto tal. Essa lente não prevê que corpos carreguem uma trajetória de experimentação e de materialização de gênero complexa e fluida. Isso, defende McBee, não demonstra má-fé de pessoas trans – demonstra a pobreza imaginativa de mecanismos de legibilidade cisnormativos.

Deixar-se ser lido como cis é uma estratégia usual a pessoas trans que cabem em padrões cisnormativos de gênero, afirma McBee, como uma estratégia de segurança²⁴.

²⁴ Algo também notado por Duque (2019) no contexto brasileiro, a partir do que acontece quando a pessoa não passa: “também pude ouvir sobre vários acontecimentos violentos ou vexatórios. Eles sempre estavam relacionados com a não passabilidade, ou com aqueles passáveis, mas que não deixaram, propositalmente, sob segredo os processos que os tornaram ‘tão femininos’ ou ‘tão masculinos.’ (...) os interlocutores estão CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880



Assim como a categorização por ele citada da passabilidade define, há efetivamente acessos negados a sujeitos que pertencem a categorias sociais estigmatizadas. Todavia, ressalta, seu processo de ocupação da expectativa de cisgeneridade assim como em Mock levou a uma redução da complexidade do arranjo temporal de sua personitude:

Eu sou um homem, então não estava passando como alguém que não era (...) mas entendia. Eu não conseguia telegrafar a realidade que tinha vivido: os anos como tomboy ou os bares queer que se seguiram. A testosterona me fazia reconhecível, mas o preço era um efeito de achatamento. (...) Entendi que estava finalmente sendo visto. Mas sendo visto como o quê? (...) me mover pelo mundo com meu corpo de Antes havia entalhado meu cérebro, e operar como se isso não tivesse acontecido (...) parecia tão dissonante como me olhar no espelho antes havia sido. Não havia linguagem para descrever meu eu inteiro que não me pusesse em perigo. Eu passava à medida que permitia que outres acreditassem que eu havia surgido, inteiramente formado, como o homem que estava diante deles. (...) eu passava quando outres prescreviam a mim uma infância como rapaz que nunca tive. Eu passava como o homem que outres viam, e eu não es dissuadia dessa visão de mim. Eu estava, assim como todo mundo, passando como minha tradução mais coerente (AM: 60-61).

Esse efeito de achatamento que a “tradução mais coerente” engendrava implica apagamento de uma série de aspectos de configuração temporal da subjetividade generificada. O “sucesso” da passabilidade correspondia a uma visão normativa, redutora, de identidade e expressão de gênero como formadora da personitude. Correspondia, ademais, ao abandono de memórias e jeitos de agir – algo que compara, mobilizando pesquisas de historiadoras, à história de assimilação racial à branquitude nos Estados Unidos, empreendimento que levou ao silenciamento da complexidade de pertencimentos étnico-raciais diversos à categoria “branco” em oposição aos inassimiláveis – pessoas “de cor”. Da mesma forma, atenta para os distintos prejuízos, em termos de gênero, do sucesso da passabilidade (empobrecimento de uma jornada de aprendizado, realização e codificação do gênero) em oposição a seu fracasso (a expressão de signos lidos como masculinos e femininos, e a ameaça à integridade física que essa expressão traz).

É importante notar o efeito *queer* desse processo levado a cabo por McBee e

expostos a violências, ou ao risco de sofrê-las, quando as expectativas sob as quais a identificação desses como sendo homens ou sendo mulheres não são atingidas.” (ibid.: 154)

DUQUE, Tiago. *Gêneros incríveis*: um estudo sócio-antropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher. 2ª ed. Salvador, BA: Editora Devires, 2019.



Mock: a perturbação do estado de constituição da existência depois da transição, da conquista de um lugar de aceitação e validação hegemônica do gênero. Uma perturbação que se motiva principalmente a partir do analisado por Nascimento (2019b)²⁵ ao se referir ao trabalho etnográfico, mas que pode ser desencadeado em circunstâncias outras: o estranhamento engendrado pela classificação de corpos – corpo como sujeito da cultura, como estar-no-mundo, ela define a partir de Thomas Csordas e Tim Ingold – em variações inimaginadas que extrapolam expectativas. A multiplicidade de sentidos se transforma em lugar produtivo de reflexão não só sobre estes, mas sobre o empreendimento localizado de sua feitura: lugar de fronteira que permite o encontro dessas perspectivas e a produção de conhecimento sobre elas. Mas não é só algo bom para pensar.

Como Nascimento reflete a partir do pensamento de Patricia Hill Collins e de Glória Anzaldúa, divisões sociais são organizadas a partir de uma lógica de centro e margem, identidade e alteridade, qualificadas de modo binário, imiscível e hierárquico – pensadas em categorias discretas separadas por muros. O processo de reflexão sobre e a partir da fronteira, por sua vez, deve se dar tomando como objetivo a atenção, exposição e desestabilização daquele empreendimento cognitivo assimétrico, aproveitando-se da fluidez que transposições parciais permitem, que estar entre dois mundos permite:

São momentos e experiências instáveis (...) provocam um descentramento. Estar na fronteira significa deslocar a perspectiva antropológica para os processos pelos quais diferenças são construídas e mover-se entre muros, atravessá-los e olhar através deles. Isso sugere que a pesquisa possa incorporar (...) como e quais lugares e experiências possibilitam formas de opressão, discriminação e desigualdade (Nascimento, 2019b, 465)

Nas obras, trata-se de comprometimento analítico e político que tem um efeito *queer* ao perturbar os pressupostos da passabilidade e, com ela, o regime regulatório cisonormativo que sustenta mecanismos de demarcação de reconhecimento e aceitabilidade, e de exclusão e estigmatização, fundando-se em coerência e permanência de identidades como categorias discretas. Nesse aspecto, a articulação entre passabilidade e *queeridade* elaborada por Judith Butler é particularmente produtiva: em seu ensaio

²⁵ NASCIMENTO, Silvana. “O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima”. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP V. 62 n. 2: 459-484. 2019.



“*Passing, queering*” (2008[1993])²⁶, a filósofa analisa o romance “Identidade”, de Nella Larsen, para investigar o modo como esta a partir do desenrolar narrativo das personagens (o casal negro Irene e Brian, cujo encantamento por Claire, que se passa por branca, desencadeia o conflito que estrutura a obra) tanto expõe regulações articuladas de gênero, sexualidade e raça como sublinha suas tensões e fragilidades.

A passabilidade, analisa Butler, não é mera estratégia tornada possível e operada pela organização do visível. Claire efetivamente tem pele clara. Mas a passabilidade, para operar enquanto tal, depende da instituição de distância de relações que podem evidenciar a marcação da diferença – estar perto de outras pessoas negras, reestruturando a legibilidade de sua qualificação racial, como se “o signo de negritude se contraísse (...) por proximidade, que a ‘raça’ mesma fosse um contágio que se transmite por proximidade” (ibid.: 246) – e do silêncio. Silêncio sobre trajetórias, relações, qualquer coisa que pudesse desestabilizar o pressuposto normativo, não marcado, de branquitude. Falar, perturbar o silêncio é adjetivado recorrentemente por Larsen como algo “*queer*”, nota Butler: dizer algo estranho (como falar sobre sexualidade em uma sociedade que cala sobre desejo e prática sexual), expressar uma emoção não convencional (como a ira, sendo que de mulheres se espera docilidade), trazer o inesperado a uma conversa que tem padrões tácitos de aceitabilidade do que dizer e do que calar:

Como palavra que evidencia o que deveria permanecer oculto, “*queering*” cumpre a função de exposição dentro da linguagem – uma exposição que quebra a superfície repressora da linguagem – da sexualidade e da raça. (...) Em última instância, *queering* é o que desequilibra e expõe o que se finge; é o ato mediante o qual a ira, a sexualidade e a insistência na cor detonam a superfície racial e sexualmente repressora da conversação (Butler, 2008 254-255).

A queerização que se dá pela perturbação do silêncio da passabilidade e pela revelação da produção ritualizada da configuração regulatória que cria circunscrições de dominação e exclusão ganha metáforas espaciais: a perturbação, a fissura da superfície. Da mesma forma, a perturbação como empreendimento analítico e político pensada por Nascimento, a partir da fronteira – atravessar e ocupar diferentes formas corporais,

²⁶ BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del sexo*. 2ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.



imaginários, projetos, enquadramentos, e fazê-los produtivos em seu encontro e fricção.

Mock e McBee, ao recusarem a omissão e o misturar-se, ao recusarem a ojeriza ao próprio passado e ao recusarem o lugar de chegada da transição passável como sucesso, revelam não só o atravessamento de posicionalidades. Esse revelar reinstalou a ambas os autores no campo de objetos de atenção que formam sua subjetivação e assim deforma o campo cishetero – organizado por muros intransponíveis, silêncio e permanência. Permite a defesa de enquadramento fundado na composição de uma personalidade a partir de diferentes temporalidades e subjetividades, linha de fuga do modelo de pessoa unívoca tanto em termos de entendimento de si quanto de percepção social.

Considerações finais: movimentos sutis de recusa

Janet Mock e Thomas Page McBee perturbaram e abandonaram o ponto de chegada considerado a partir do enquadramento cisnormativo como sinal de sucesso: o atingimento de legibilidade como pessoa cis. No processo, perturbaram o próprio enquadramento. Seus modos se dão afetados por: diferentes saberes e engajamentos; atravessamentos de marcadores sociais de diferença articulados a gênero (raça, classe, sexualidade e geração em especial); e diferentes conduções discursivas.

Os empreendimentos tem propostas e desenrolares consideravelmente variados: Mock, na faixa dos 30 anos, narra o processo de tomada de consciência da indesejabilidade do que ao longo de sua vida considerou objetivos a se almejar. McBee, um homem branco jovem alçado à posição de considerável privilégio, tem como ponto de partida a realização de uma experiência de investigação sobre fantasias pessoais e disseminadas acerca de ser “homem de verdade”. Meu argumento é que suas obras apresentam modalidades variadas de reconfiguração de campos de atenção: o campo de movimento narrativo esperado como cânone auto/biográfico trans; e o campo de enquadramento cisheteronormativo. Diante do que deveria ser o fim – “alcancei o fim da transição e o reconhecimento de gênero, me sinto completo” – demarcam um novo começo: e se esse lugar de chegada de aceitabilidade e pertencimento à cisgeneridade é inabitável? E se o silêncio é uma autoviolência e o regime regulatório de subjetividades cisnormativo é empobrecedor, em vez de território de completude? Mock e McBee desenham o movimento estranho, *queer*, do que vem depois desse ponto.

Lembremos que Ahmed reflete sobre *queer* como efeito de desalinhamento de



campos de organização desenhados pela cisheteronorma; a espacialidade é menos uma metáfora e mais um ponto de partida fenomenológico que orienta a inteligibilidade e as formas de organização social disponíveis, instituídas ao longo do tempo. A *queerização* é a perturbação de tal inteligibilidade e formas de organização: Mock e McBee fazem isso desmontando o mito da passabilidade.

Essa dimensão perceptual, espacial da *queerização* da passabilidade é explorada também por Jack Halberstam²⁷ em sua obra seminal sobre experiências *queer* de masculinidade exercidas por corpos assignados ao sexo feminino:

Para muitos desviantes de gênero, a noção de passar é singularmente inútil. Passar como narrativa parte do pressuposto de que há um self que se mascara como outro tipo de self e faz isso com sucesso; em vários momentos, o passar bem sucedido pode consistir em algo semelhante a identidade. (...) E a pessoa biologicamente feminina que se apresenta como butch, passa por homem em algumas circunstâncias e é lida como butch em outras, e considera a si mesma não como mulher mas mantém distância da categoria “homem”? Para tal sujeito, **identidade talvez seja mais bem descrita como processo com múltiplos sítios de devir e ser. Para entender tal processo, nós precisaríamos fazer mais do que mapear jornadas psíquicas e físicas entre masculino e feminino e no seio do espaço queer e hetero; precisaríamos, na verdade, pensar em termos fractais e sobre geometrias de gênero.** (Halberstam, 1998: 21 – grifo meu)

É importante pontuar que embora o autor se refira ao que considera desviantes, é importante pensar na *queerização*, como ele mesmo elabora, menos em termos de identidades particulares e mais em termos dos efeitos de práticas fazedoras de modos de existir que não cabem na norma. É desse modo, assim, que personagens tão atentas ao cumprimento de normas como Irene em “Identidade” são *queer*, nos dirá Butler. É desse modo que mesmo pessoas que tentam se enquadrar em modelos liberais de subjetividade cisheteronormativa produzem perturbações na cisheteronormatividade, dirá Ahmed:

(...) dificilmente tentativas de seguir uma linha hetero como gays e lésbicas vão te fazer ganhar pontos. Apontar essa rejeição não é dizer que homonormatividade é condição de emergência de uma nova via de política queer (embora pudesse ser). É dizer que habitar formas que não estendem seu molde pode produzir efeitos queer, mesmo quando você

²⁷ HALBERSTAM, Jack. *Female masculinity*. Durham and London: Duke University Press, 1998.



acredita estar se “alinhando”. (...) Desorientação não pode ser uma política da vontade, mas um efeito de como fazemos política, o que por sua vez é marcado por uma questão anterior – simplesmente, como vivemos (Ahmed, 2006a, 569).

E isso nos ajuda a pensar em Mock e McBee. Enquanto pessoas que encarnam signos de beleza cisnormativos, em relações heterossexuais, com carreiras profissionais bem sucedidas no campo do entretenimento e das artes e com aceitação entre o público cis, não são exatamente os desviantes imaginados por Halberstam. Mas as recusas que fazem ao enquadramento cisnormativo da subjetividade generificada e a expectativas de narrar trajetórias de transgeneridade em obras publicadas e celebrizadas no seio da indústria de entretenimento produzem o efeito fractal, de geometria de gênero, defendido pelo autor. Distorcem o molde pelo simples modo de apresentá-lo como insuficiente por quem foi bem sucedido em alcançá-lo.